OS IMPACTOS DO LUTO ANTECIPATÓRIO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE MÃES COM FILHOS EM CUIDADOS PALIATIVOS

Recebido em:

Aceito em:

DOI:

Letícia Rodrigues Barboza[1]
Regiane Aparecida Possato Oliveira[2]
Wisllaine Cristina Calabresi[3]
Ronaldo Pereira Barboza [4]

RESUMO: Os Cuidados Paliativos são entendidos como uma forma de assistência para pessoas cujas doenças não respondem mais a tratamentos curativos, sabendo disto, o presente estudo tem como objetivo compreender a relação entre o luto antecipatório e a maternidade em meio aos cuidados paliativos, buscando analisar como esses processos se entrelaçam e influenciam a vida dessas mulheres. Por meio de um olhar crítico subsidiado pela Psicologia Histórico-Cultural, que busca compreender o sujeito na sua dimensão social, considerando as mediações culturais, simbólicas e afetivas que estruturam sua constituição psíquica, compreendendo não somente como uma experiência individual, mas como uma vivência que atravessa aspectos culturais, sociais e históricos que permeiam a maternidade.
PALAVRAS-CHAVE: Maternidade, Psicologia histórico cultural, Luto, cuidados paliativos.

THE IMPACTS OF ANTICIPATORY GRIEF ON THE DEVELOPMENTAL PROCESS OF MOTHERS WITH CHILDREN IN PALLIATIVE CARE

ABSTRACT: Palliative Care is understood as a form of assistance for people whose diseases no longer respond to curative treatments, knowing this, this study aims to understand the relationship between anticipatory grief and motherhood in the midst of palliative care, seeking to analyze how these processes intertwine and influence the lives of these women. Through a critical look subsidized by Historical-Cultural Psychology, which seeks to understand the subject in his social dimension, considering the cultural, symbolic and affective mediations that structure his psychic constitution,

[1] Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: leticia.barboza.96@edu.unipar.br
[2]Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: regiane.estetica@edu.unipar.br
[3] Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: wisllaine.c@edu.unipar.br
[4] Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: ronaldo.barboza@prof.unipar.br

understanding not only as an individual experience, but as an experience that crosses Cultural, social and historical aspects that permeate motherhood.
KEYWORDS: Motherhood, Historical-cultural psychology, Grief, Palliative care.

EL IMPACTO DEL DUELO ANTICIPATORIO EN EL PROCESO DE DESARROLLO DE LAS MADRES CON HIJOS EN CUIDADOS PALIATIVOS

RESUMEN: Los cuidados paliativos se entienden como una forma de asistencia para personas cuyas enfermedades ya no responden a tratamientos curativos. Partiendo de esta premisa, el presente estudio busca comprender la relación entre el duelo anticipado y la maternidad en el contexto de los cuidados paliativos, analizando cómo estos procesos se entrelazan e influyen en la vida de estas mujeres. Desde una perspectiva crítica, fundamentada en la psicología histórico-cultural, que busca comprender al sujeto en su dimensión social, considerando las mediaciones culturales, simbólicas y afectivas que estructuran su constitución psíquica, este estudio entiende la maternidad no solo como una experiencia individual, sino como una experiencia vivida que abarca aspectos culturales, sociales e históricos.
PALABRAS CLAVE: Maternidad, Psicología histórico-cultural, Duelo, Cuidados caliativos.

1. INTRODUÇÃO

"Quando nada mais pudermos fazer por alguém,
é preciso que nós saibamos estar ao seu lado."
(Danielle Hons)

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, que tem como objetivo analisar os impactos do luto antecipatório na maternidade no contexto dos cuidados paliativos, buscando compreender como esses processos se articulam e influenciam o desenvolvimento do psiquismo das mulheres nesta situação. Para isso, adota-se um olhar crítico e fundamentado na abordagem Histórico-Cultural, a qual possibilita compreender o sujeito em sua dimensão histórico-social, considerando as mediações culturais, simbólicas e afetivas que constituem sua formação psíquica. Nesse contexto, o psicólogo Vigotski (1896-1934), com base no Materialismo Histórico-Dialético, teoria e método proposto por Marx (1818-1883), desenvolveu a Psicologia Histórico-Cultural (PHC).

Além de Vigotski, as contribuições de Leontiev (1903-1977) e Luria (1902-1977) destacam-se para a consolidação deste sistema teórico. A partir de suas análises, Vigotski criticou a Psicologia de sua época por se restringir predominantemente a estudos laboratoriais, considerando essa limitação insuficiente para compreender a complexidade do desenvolvimento humano, o que denominou como a "crise da Psicologia".

Esta abordagem, de acordo com Martins (2011), busca compreender o sujeito na sua dimensão histórico-social, considerando as mediações culturais, simbólicas e afetivas que estruturam sua constituição psíquica. Nesse sentido, os processos psíquicos não se limitam ao âmbito interno da consciência, mas estabelecem articulações que a transcendem, ou seja, nos constituímos a partir das relações com outras pessoas e da apropriação da cultura a qual pertencemos.

A mesma autora, amparada em Vigotski, destaca que é possível a partir da relação do ser humano com sua realidade concreta, o desenvolvimento do psiquismo, sendo sua formação intrinsecamente dependente dessa interação. Entretanto, o desenvolvimento humano não é apenas biológico, filogênese - história do desenvolvimento social humano, nem apenas cultural, sociogênese - a história do desenvolvimento social, mas resulta da junção dialética entre ambos, ontogênese - a constituição individual do ser humano (MARTINS, 2011).

A respeito dos cuidados paliativos, estes iniciam-se com o diagnóstico precoce de uma doença grave e ameaçadora à vida, que não tem como objetivo protelar a morte, mas promover uma melhora na qualidade de vida de pacientes que enfrentam o quadro clínico, além de propiciar um suporte e comunicações objetivas para os familiares (BRASIL, s.d.).

Nesta mesma perspectiva, Bastos (2019 p.52) contribui ao apontar que:

> "De acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2007), os princípios dessa abordagem são: promover o alívio da dor e de outros sintomas estressantes; olhar a morte como um processo natural, reafirmando a vida; não antecipar e nem postergar a morte; integrar aos cuidados os aspectos psicossociais e espirituais; oferecer um sistema de suporte para que o paciente possa viver ativamente o quanto possível; oferecer um sistema de suporte para que os familiares sintam-se amparados durante o processo da doença; e, deve ser iniciado o mais precocemente possível."

Considerando que, esse processo de diagnóstico não atinge apenas a pessoa internada, como também suas relações afetivas e familiares, sobretudo a mãe, que

enfrenta um choque ao lidar com a ruptura das expectativas de cura e a iminência da morte, tendo que lidar com suas próprias emoções, apropriando novos significados para sua realidade. Assim, a mãe se depara com uma nova rotina influenciada pelo tratamento, que muitas vezes é necessário o abandono de suas atividades cotidianas, ausência de autocuidado, como também a sobrecarga de lidar com as demandas externas (BASTOS, 2019).

No que se refere ao luto antecipatório, este acontece quando o processo de aproximação da finitude da vida de uma pessoa, propicia ao ente querido uma semelhança do luto pós-morte. Onde, além de causar sentimentos e reações, exprime um processo interacional entre a funcionalidade familiar, impactada pelo desenvolvimento da doença, relações interpessoais e demandas psicossociais mediadas pela relação entre à doença e a morte (REIS et al. 2024).

Dessa forma, compreende-se que os processos de cuidados paliativos, luto antecipatório e maternidade se entrelaçam, assim como seus impactos no desenvolvimento do psiquismo, tais assuntos serão analisados a seguir.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada pautou-se em uma pesquisa de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural. Inicialmente, elaborou-se o projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), contemplando a definição de possíveis temas, do objetivo geral e dos objetivos específicos, bem como a sustentação teórica. Posteriormente, realizou-se a construção do "boneco" do trabalho, etapa que consistiu na organização prévia da estrutura do TCC, na delimitação do tema e do problema de pesquisa, e finalmente na elaboração do artigo na qual foram utilizadas as referências bibliográficas previamente selecionadas.

A coleta de dados ocorreu em bases como SciELO e Google Acadêmico, considerando artigos, periódicos científicos, dissertações e teses publicadas, preferencialmente, entre 2000 e 2025, no idioma português. Foram incluídos estudos que abordam diretamente a temática no campo da Psicologia, sendo excluídos aqueles que não atendiam aos objetivos e não contribuíram para a pesquisa. A análise dos dados ocorreu por meio de leitura crítica, interpretativa e reflexiva do material selecionado,

utilizando-se como estratégia a análise temática, com o objetivo de identificar categorias centrais relacionadas aos impactos do luto antecipatório na experiência da maternidade em contextos de cuidados paliativos.

3. UMA PERSPECTIVA SOBRE O ATO DE MATERNAR DIANTE DOS CUIDADOS PALIATIVOS E O LUTO ANTECIPATÓRIO

"A morte de um filho é percebida pelas mães
como a perda de uma parte de si mesmas,
uma sensação de amputação
de um pedaço do seu corpo." (Silva)

Para iniciar o diálogo, começaremos com a maternidade, que historicamente é compreendida como o papel social da mulher, uma construção e romantização do ato de maternar, que reforçam a ideia de que a gestação é uma vivência inerente a todas as mulheres (SANTOS, GALRÃO E SOUSA, 2024). Nesse sentido, a maternidade encontra-se internalizada na cultura antes mesmo da gestação, momento em que já se manifestam os primeiros laços afetivos entre a mãe e o bebê, como o desejo de tê-lo, as comemorações, as expectativas e a idealização de um futuro para ele.

Sobre esse viés, a maternidade é um acontecimento complexo que vai além da ideia biológica de gerar e cuidar de um filho. Ela envolve dimensões emocionais, sociais, culturais e históricas, refletindo tanto a experiência individual da mulher quanto às expectativas coletivas que recaem sobre ela. Para além, apesar de mudanças no ato de maternar, carrega-se ainda a concepção de que a gestação é um ato de exercer com o papel social da mulher, acarretando silenciamento dos seus sentimentos, pois, conforme Fernandes, Santos e Dutra (2024 p.317), "A culpabilização e a negação de sentimentos como angústia, raiva, fracasso, medo e incapacidade podem gerar frustrações que comprometam a saúde mental das mulheres".

Nesse sentido, a construção histórica e social da maternidade, ao reforçar ideais normativos sobre o ato de maternar, contribui para a culpabilização das mulheres diante de experiências que fogem do esperado. Tal compreensão é fundamental para pensar situações em que o sofrimento materno se intensifica, como nos contextos de perda, luto e ruptura de expectativas, exigindo práticas de cuidado sensíveis à singularidade de cada

mulher. Assim, esta romantização da maternidade produz e reforçam ideias que impactam diretamente o psiquismo dessas mães (FERNANDES; SANTOS; DUTRA, 2024).

O autor também afirma que, quando a maternidade se desenvolve no contexto dos cuidados paliativos, essas expectativas podem ser profundamente impactadas pela presença de uma doença grave e ameaçadora para a vida do filho. Assim, a experiência de maternar passa a ser atravessada por sentimentos opostos, desafios emocionais e pela necessidade de ressignificar projetos e sonhos anteriormente idealizados (FERNANDES; SANTOS; DUTRA, 2024).

De acordo com Silva e Sudigursky (2008), os cuidados paliativos são compreendidos como uma forma de assistência designada para pessoas cuja doença já não responde a tratamentos curativos. Seu foco se dá, no controle de sinais, sintomas físicos e psicológicos, característicos das fases avançadas de enfermidades incuráveis, compreendendo que esta forma de tratamento tem como objetivo proporcionar qualidade de vida aos sujeitos em estado terminal. Os cuidados paliativos, não são apenas utilizados em estado terminal, mas também desde o início do diagnóstico, como forma de prevenção e alívio do sofrimento. Além disso, utiliza-se também, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida enquanto o paciente realiza tratamentos intensivos, como quimioterapia ou radioterapia.

No Brasil, o termo cuidado paliativo ganhou maior visibilidade a partir das políticas de humanização na saúde. A constatação de fragilidades na rede de atenção, levou o Ministério da Saúde a investir em programas e diretrizes que valorizassem práticas mais integrais e voltadas às pessoas, através do Sistema Único de Saúde (SUS), a oferta de cuidados paliativos é responsabilidade de todos os pontos de atenção da Rede de Atenção à Saúde, devendo ser assegurada sempre que necessária, como parte do compromisso ético que orienta o sistema (BRASIL, s.d.).

Cada ponto de atenção, de acordo com sua especificidade assistencial, deve incorporar práticas paliativas de forma precoce no plano de cuidado das pessoas que apresentem indicação. Esses cuidados precisam estar integrados às práticas assistenciais já existentes nos serviços de saúde locais, priorizando uma abordagem que alcance o paciente em seu contexto real de vida (BRASIL, s.d.).

Em relação ao luto, podemos compreendê-lo como um processo que envolve diferentes reações emocionais, cognitivas e comportamentais diante da experiência de

perda, mas não somente acontece pela perda por morte, mas também as simbólicas, conforme nos alertam, Oliveira et.al. (2024 p, 4)

> A vivência do luto não é caracterizada como uma doença, é um processo natural e singular que pode variar entre indivíduos e de acordo com o contexto cultural, sendo percebido de diversas formas ao longo do tempo e possuindo duração de tempo de acordo com cada subjetividade. O luto não envolve apenas um sentimento de tristeza ou uma sensação de dor, uma vez que afeta diferentes dimensões da vida [...].

Seguindo este raciocínio, ao abordar o luto antecipatório, é fundamental esclarecer que este é compreendido como uma variação no processo de luto e pode envolver diferentes fases, que variam de acordo com cada experiência, podendo as pessoas envolvidas vivenciar, situações de choque, negação, ambivalência afetiva, revolta, negociação, acordo simbólico, com vistas a adiar a morte, depressão, tristeza profunda, aceitação e adaptação, momento esse em que se torna possível dar encaminhamento para a elaboração da dor e da perda, então reorganizar-se emocionalmente (FONSECA, 2004 apud REIS, MORÉ E MENEZES, 2023).

O luto antecipatório refere-se à vivência do processo de perda antes de sua concretização e no contexto da maternidade, manifesta-se como a ruptura simbólica de um vínculo que ainda está em construção. Embora o luto seja uma experiência universal, ele é vivenciado de forma singular por cada mãe, sendo atravessado por fatores individuais, culturais e históricos. Nesse sentido, “a morte de um filho é percebida pelas mães como a perda de uma parte de si mesmas, uma sensação de amputação de um pedaço do seu corpo” (SILVA 2024, p.20).

Embora a maternidade seja socialmente associada à vida, à continuidade e à esperança, o luto antecipatório rompe com essas expectativas normativas, colocando a mulher em uma posição de sofrimento muitas vezes silenciado ou invisibilizado, uma vez que, segundo Bastos (2019 p. 173), “a idealização da maternidade – signo hipergeneralizado- e a orientação social de que a mãe deve se manter forte e colocar as suas dificuldades e sentimentos em segundo plano para poder cuidar do filho”. Nesse contexto, o sofrimento materno não se restringe à perda concreta do filho, mas envolve também a perda de projetos, identidades e futuros imaginados, exigindo da mulher um intenso trabalho psíquico de elaboração.

Desse modo, compreender o contexto em que essa mulher está inserida, sua rede de apoio e a fase do luto em que se encontra contribui para a oferta de um suporte mais

sensível e qualificado. Essa compreensão possibilita não apenas a ressignificação da experiência do luto, mas também favorece a tomada de consciência e a construção de novas formas de se relacionar com o mundo. Nesse sentido, evidencia-se a importância de aprofundar a discussão a partir das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural.

4. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

"O homem se constitui nas relações sociais."
(Vigotski)

Vigotski propõe a construção de uma ciência psicológica orientada por uma perspectiva histórica e cultural, capaz de explicar o desenvolvimento humano para além de abordagens reducionistas centradas exclusivamente em aspectos biológicos ou mentalistas. Com base no pensamento marxista, o autor afirma que os seres humanos se diferenciam dos animais a partir do momento em que desenvolvem funções psíquicas superiores. Melhor dizendo, o ser humano se constitui historicamente por meio da sua atividade criativa e transformadora, da linguagem e das relações sociais (LIMA; CARVALHO, 2013).

Ao abordar a existência das funções psíquicas, Vigotski distingue dois tipos fundamentais: as funções psíquicas elementares e as funções psíquicas superiores. As funções elementares possuem origem biológica e estão diretamente ligadas à sobrevivência, entretanto, para Vigotski, o que caracteriza propriamente o ser humano é a capacidade de desenvolver as funções psíquicas superiores, que se constituem culturalmente a partir das relações sociais. Lima e Carvalho (2013) apontam que Vigotski utiliza do materialismo histórico-dialético para desenvolver seus conceitos, destacando que os processos psicológicos superiores se formam nas relações sociais. Assim o indivíduo é compreendido como produtor de sua própria realidade, constituindo-se pelo meio em que está inserido.

Nesse contexto, a perspectiva marxista reforça a ideia de que a vida social tem base material. Conforme afirma Sirgado (2000), "não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência". Logo, as condições concretas de existência, como trabalho, alimentação e moradia, precedem e condicionam a

consciência, a matéria, entendida como realidade concreta, permeia a vida cotidiana e as instituições sociais, mostrando que a consciência surge e se articula a partir dessa realidade.

Em "O manuscrito de 1929", Lev S. Vigotski aborda suas ideias sobre a teoria histórico-cultural, que ganha contornos mais definidos e profundos. Para Vigotski (1929/2000), compreender o psiquismo humano implica reconhecê-lo como produto de uma trajetória social e histórica, marcada pelas relações que o sujeito estabelece com o outro e com a cultura, processo no qual é chamado de internalização. As funções psicológicas superiores, como o pensamento, a memória e a linguagem, não surgem isoladas, mas são construídas nas interações sociais, e posteriormente interiorizadas, transformando-se em processos internos.

O autor ressalta que, qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes: primeiro no social, depois no psicológico (VIGOTSKI 1929/2000), o que reforça sua compreensão de que o homem é essencialmente um ser histórico, atravessado por práticas sociais e simbólicas que moldam sua forma de existir, ou seja, do plano interpsicológico para o plano intrapsicológico.

Ao propor uma "psicologia concreta do homem", Vigotski (1929/2000) aproxima a compreensão da mente humana de um processo vivo, em constante movimento, que se constrói por meio da cultura e dos instrumentos simbólicos criados socialmente. Nesse contexto, o mesmo autor ainda utiliza metáfora da "telefonista e o aparelho" é usada para ilustrar que o funcionamento cerebral não pode ser separado da ação social que o regula, pois é a partir das mediações coletivas que o sujeito passa a dominar e reorganizar sua própria conduta.

Vigotski (2018) também, nos apresenta os conceitos de termos importantes para entender sua concepção sobre o desenvolvimento humano, e compreender as formas de construção do indivíduo, por exemplo, o significado e o sentido, sendo o primeiro uma construção social, que aprendemos e nos desenvolvemos em consonância com o meio no qual estamos inseridos. Enquanto que o sentido se dá a atribuição de significação individual sobre a sua própria realidade concreta.

A constituição do significado se dá em três momentos, no primeiro momento é constituído pelo 'dado' em si, realidade natural ou biológica da criança enquanto algo que está dado. É o momento teórico que precede à emergência do estado de cultura. O segundo momento é aquele em que o 'dado' em si adquire significação para os outros. É

o momento histórico da emergência do estado de cultura; momento de distanciamento do homem da realidade em si, a qual se desdobra nele na forma de representação, testemunhando a presença da consciência. Por fim, o terceiro momento é aquele em que a significação que os outros atribuem ao 'dado' natural se torna significativo para si, ou seja, para o indivíduo singular. É o momento da constituição cultural do indivíduo quando, através desse outro, ele internaliza a significação do mundo transformado pela atividade produtiva (SIRGADO, 2000).

O sentido é construído de forma individual e subjetiva, resultando da atribuição pessoal que cada sujeito faz a determinado objeto ou experiência. Por exemplo, uma caneca, ela possui, em termos sociais, a função utilitária de servir para o consumo de líquidos. No entanto, caso esse objeto seja presente de uma pessoa significativa, ele adquire um valor simbólico adicional, transcendendo sua função prática e assumindo um significado singular associado ao vínculo afetivo estabelecido (SIRGADO, 2000).

Se assim for, para Vigotski a cultura é a totalidade das atividades sociais humanas (técnicas, artísticas, científicas, tradições, instituições sociais e práticas sociais). Evidentemente, isso não é suficiente para explicar a natureza da cultura. Como aparece em outros textos do autor e na literatura especializada que trata esta questão, a natureza da cultura está relacionada com o caráter duplamente instrumental, técnico e simbólico, da atividade humana. Nessa direção, a Psicologia Histórico-Cultural destaca o conceito de atividade dominante, entendido como o eixo que orienta a vida concreta do sujeito e organiza seu psiquismo. De acordo com Facci (2004), trata-se de um processo complexo que atravessa todos os períodos do desenvolvimento humano e que se transforma ao longo da vida.

Segundo a mesma autora, em cada período, diferentes atividades assumem caráter dominante: na primeira infância, o brincar cumpre esse papel ao favorecer a imaginação e a socialização. Na adolescência, os estudos e as relações de grupo tornam-se centrais para a formação da identidade, e, na vida adulta, o trabalho passa a ser a atividade predominante, estruturando grande parte da experiência subjetiva. Essas atividades possibilitam, segundo Aita (2020), o surgimento de novas atividades no interior de sua própria estrutura, bem como a constituição de novos processos psíquicos e/ou a reorganização dos já existentes.

O ser humano, portanto, não nasce pronto, ele se forma nas interações com o outro, na linguagem, nas práticas sociais e nas experiências compartilhadas em

determinado contexto histórico, Vieira Lopes e De Jesus (2020 p. 15) explicam, "o ser humano nasce em um contexto social e vai se adaptando continuamente, ou seja, se desenvolve na relação com o outro, a partir das interações realizadas, e com os instrumentos culturais dispostos".

Essas transformações promovem mudanças significativas na personalidade do sujeito. Assim, a análise do conteúdo da atividade dominante em cada período do desenvolvimento permite compreender de forma mais ampla o processo de constituição da personalidade. Nessa perspectiva, a personalidade é compreendida como o conjunto das relações sociais internalizadas pelo indivíduo, constituindo-se como expressão de sua individualidade. Assim, a formação da personalidade está intrinsecamente vinculada ao desenvolvimento da consciência, compreendida como o reflexo afetivo e cognitivo da realidade (AITA, 2020).

Além disso, afirma que a personalidade pode ser compreendida como a totalidade da realidade biológica, psicológica e social do indivíduo, formando-se de acordo com as circunstâncias históricas em que se insere. Embora seja única, manifesta-se de formas diversas conforme os diferentes papéis sociais desempenhados pelo sujeito, revelando sua capacidade de adaptação às distintas relações interpessoais. Vejamos:

> "[...] a personalidade constitui uma formação integral de um tipo especial. Não é uma integridade condicionada de modo genotípico: a personalidade não nasce, a personalidade se faz". A personalidade é mutável como a própria vida, ao mesmo tempo em que conserva sua constância, sua auto identidade. A forma como dadas condições sociais são vivenciadas pela pessoa, produz certa regularidade em seu modo de autoconstrução de si e na sua relação com o gênero humano." (LEONTIEV, 1984 apud AITA 2020 p. 125).

Nesse processo, a tomada de consciência acerca dos significados historicamente construídos ao longo de sua trajetória viabiliza a elaboração de novos sistemas de significação, produção de sentidos pessoais e a apropriação de recursos simbólicos. Neste sentido, tomar consciência daquilo que lhe causa sofrimento, aprender a lidar com tais experiências e, a partir disso, conquistar a possibilidade de escolher livremente, são movimentos fundamentais no processo de constituição do sujeito (AITA; TULESKI, 2017).

No entanto, quando esse processo não ocorre, abre-se espaço para a patologização, que pode ser entendida como "um desgaste a perda de capacidade potencial biológica e psíquica" (AITA, 2020 p.23). A compreensão do adoecimento

psíquico não pode ser reduzida a uma escolha individual ou a uma suposta incapacidade pessoal de enfrentar determinada situação, mas deve ser entendida a partir das condições sociais, históricas e culturais que constituem o sujeito.

Quando não há mediações simbólicas e sociais suficientes para transformar o desconhecido em conhecido, ou seja, para atribuir novos sentidos à experiência vivida, abre-se espaço para a cristalização de significados e para a rigidez subjetiva. Nesse contexto, cada atividade humana tem um motivo que a impulsiona e uma finalidade que a organiza, sendo nesse movimento que o sujeito transforma o mundo à sua volta e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo (SIRGADO, 2000). A partir dessas considerações, insere-se o ato de maternar, entendido não como uma função meramente biológica, mas como uma atividade social e historicamente constituída, permeada por sentidos, conflitos e processos de transformação subjetiva.

Ao ser desenvolvido no contexto dos cuidados paliativos, os sentidos atribuídos ao maternar passam a ser marcados por uma realidade atravessada pela possibilidade concreta da perda. Nesse cenário, o luto antecipatório se insere como uma vivência que atravessa o cotidiano dessas mulheres, marcando processos constantes de reorganização subjetiva, uma experiência que produz impactos significativos, uma vez que coloca as diante de contradições constantes entre o cuidado e a iminência da morte, entre a esperança e a perda (ANJOS, 2025).

Esses impactos se manifestam na forma de angústia contínua, sofrimento psíquico, instabilidade emocional, dificuldade de concentração e alterações na maneira de se relacionar com o tempo e com o próprio futuro, que deixa de ser projetado e passa a ser vivido sob a lógica da incerteza (OLIVEIRA et al. 2024). Além disso há uma ruptura nos sentidos historicamente construídos, sobre a maternidade, exigindo da mãe a elaboração simultânea do vínculo e de sua possível perda, experiências relacionadas à morte que mobilizam respostas emocionais complexas, evidenciando o caráter não linear e profundamente impactante desse processo, visto que o desenvolvimento humano se constitui em meio a “avanços, retrocessos, recuos e saltos qualitativos” (AITA; TULESKI, 2017 p. 102).

A partir da perspectiva da PHC, tais impactos podem ser compreendidos como parte de um processo de transformação da consciência uma vez que o sujeito, ao se deparar com novas condições concretas de existência, é levado a produzir novos sentidos para sua experiência. O luto antecipatório, pode ser compreendido como um

verdadeiro drama psicológico, não no sentido emocional ou sentimental, mas de acordo com Delari Jr. (2011) como uma dinâmica marcada por conflitos internos e pela colisão entre diferentes papéis e sentidos que atravessam o sujeito.

Trata-se de uma dramaturgia da vida real, em que essa mãe é simultaneamente convocada a sustentar o cuidado, a manter a esperança e, ao mesmo tempo, a lidar com a possibilidade concreta da perda. Assim, ela ocupa lugares contraditórios: é aquela que cuida e também aquela que começa a se despedir, aquela que acredita e aquela que precisa, ainda que de forma silenciosa, preparar-se para a ausência. Esse choque de posições, para Delari Jr. (2011) constitui o núcleo da experiência, pois envolve decisões, tensões e a necessidade de se posicionar diante de situações-limite, muitas vezes relacionadas à própria ideia de viver ou perder. É nesse cenário que se produzem impactos reais e significativos, marcando profundamente a subjetividade dessas mães e exigindo delas uma reorganização constante de si, de seus afetos e de sua relação com o futuro (ANJOS, 2025).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos estudos realizados, foi possível compreender a relação entre o luto antecipatório e a maternidade no contexto dos cuidados paliativos, analisando os impactos de como esses processos se entrelaçam e influenciam o desenvolvimento de sujeitos em vivência de maternagem. A Psicologia Histórico-Cultural propõe uma compreensão do sujeito que ultrapassa a visão individualizada e isolada, situando-o como resultado de um processo histórico e social em constante transformação. Essa abordagem reconhece que a constituição psíquica é atravessada por múltiplas mediações que moldam as formas de sentir, pensar e agir (AITA; TULESKI, 2017).

Ao adotar essa perspectiva, é possível entender que o luto antecipatório não pode ser compreendido apenas como uma vivência individual ou restrita ao campo emocional, mas como um processo profundamente entrelaçado às dimensões culturais, sociais e históricas que atravessam a experiência da maternidade, visto que “o amor materno não é inerente às mulheres, é adicional” (RESENDE, 2017 p. 184). Esse tipo de luto envolve movimentos internos que passam por diferentes períodos, onde cada um deles é modelado pelas formas como a sociedade entende e legitima o sofrimento materno (ANJOS, 2025).

A maternidade, para Resende (2017), por sua vez, é entendida como um acontecimento denso e multifacetado, que ultrapassa o biológico e se inscreve em um campo simbólico repleto de expectativas e idealizações. Historicamente, foi construída sob uma lógica de romantização e sacrifício, que frequentemente silencia a ambivalência e o desconforto que podem emergir dessa experiência.

Nesse sentido, sentimentos como angústia, medo, raiva ou sensação de fracasso acabam sendo invisibilizados, pois não correspondem à imagem idealizada da "boa mãe", como afirmam Bezerra e Rodrigues (2018 p.4), "grande parte da mídia e a própria sociedade nos seus mais diversos grupos querem que a mulher acredite fazendo disso uma regra, que caso a mulher-mãe não se adeque está fora dos padrões, ou seja, marginalizada". Compreender o luto antecipatório a partir dessa lente implica reconhecer o quanto a mulher é afetada não apenas pela perda em si, mas também pelas representações sociais que moldam o que se espera dela enquanto mãe.

REFERÊNCIAS

AITA, E. B. Psicoterapia enquanto possibilidade de intervenção sobre o processo de formação de consciência: uma análise histórico-cultural. 2020. 203 f. **Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá,** Maringá, 2020.

AITA, E. B.; TULESKI, S. C. O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade,** v. 4, n. 7, p. 97–111, 2017.

ANJOS, M. de C. R. dos. FASES DO LUTO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS COM OS ESTÁGIOS DO MORRER. **Conversas em Psicologia**, v. 6, n. 1, 2025.

BASTOS, A. C. de S. B. Na iminência da morte: cuidado paliativo e luto antecipatório para crianças/adolescentes e os seus cuidadores. 2019. **Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.**

BEZERRA, M. P.; RODRIGUES, H. F.; Sobre corpos do mundo real: a mulher para além da maternidade. **Anais XIII CONAGES. Campina Grande: Realize, 2018.**

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cuidados paliativos.** Brasília, [s.d.]. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/cuidados-paliativos. Acesso em: 19 set. 2025

DELARI JR., A. **Sentidos do "drama" na perspectiva de Vygotsky: um diálogo no limiar entre arte e psicologia.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 2, p. 181–197, abr./jun. 2011.

FACCI, M. G. D. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vygotsky**. Cadernos CEDES, v. 24, n. 62, p. 64–81, abr. 2004.

FERNANDES, D. C. O.; SANTOS, M. O. C.; DUTRA, N. S. **Maternidade e enfrentamento: uma construção social sentida na pele.** Pretextos – **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas,** v. 9, n. 18, p. 310–323, 2024. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/32721. Acesso em: 10 out. 2025.

LIMA, P. M.; CARVALHO, C. F. **A psicoterapia sócio-histórica. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. esp., p. 154–163, 2013.

LOPES, Q. V. JESUS, A. R. de. Vygotsky e a teoria histórico-cultural: um primeiro olhar. **Revista Intersaberes,** v. 18, p. e023tl4001, 2023.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. 2011.249 f. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, Departamento de Psicologia, Bauru, 2011.

OLIVEIRA, F. F. et al. **Luto antecipatório: a ótica da psicologia frente aos cuidados paliativos em pacientes hospitalizados.** Revista Foco, v. 17, n. 12, p. e6619-e6619, 2024.

REIS, C. G. et al. Redes sociais significativas de familiares no processo de luto

antecipatório no contexto dos cuidados paliativos . **Psicologia USP,** v. 35, p. e220030, 2024.

REIS, C. G. C.; MORÉ, C. L. O.; MENEZES, M. **O luto antecipatório e as estratégias de enfrentamento de familiares nos cuidados paliativos.** Psico, v. 54, n. 1, p. e39961, 2023. DOI: 10.15448/1980-8623.2023.1.39961. Disponível em: https://pucrs.emnuvens.com.br/revistapsico/article/view/39961. Acesso em: 19 set. 2025.

RESENDE, D. K. MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Belo Horizonte,** v. 2, n. 4, p. 175–191, 2017

SANTOS, G. C.; GALRÃO, P. DA L.; SOUSA, L. C. B. DE. **Quem disse que ser mulher é ser mãe? Feminilidade(s) e maternidade(s)**. Saúde e Sociedade, v. 33, n. 1, p. e220388pt, 2024.

SIRGADO, A. P. **O social e o cultural na obra de Vigotski**. Educação & Sociedade, v. 21, n. 71, p. 45–78, jul. 2000.

SILVA, E. P.; SUDIGURSKY, D. Concepções sobre cuidados paliativos: revisão bibliográfica. **Acta Paulista de Enfermagem,** v. 21, p. 504–508, 2008.

SILVA, A. R. Impactos **do Luto Materno por perda gestacional na Saúde e Bem-Estar das Mulheres**. 2024. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

VIEIRA LOPES, Q.; DE JESUS, A. Vigotski e a teoria histórico-cultural: um primeiro olhar . **REVISTA INTERSABERES**, [S. l.], v. 18, p. e023tl4001, 2023. DOI: 10.22169/revint.v18.e023tl4001

Vygotsky, L. S. Manuscrito de 1929. Educação & Sociedade, v. 21, n. 71, p. 21–40, jul. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC/?lang=pt. Acesso em: 10 out. 2025.

Vygotsky I, L. S. **Sete aulas de L. S. Vygotsky sobre os fundamentos da Pedologia**. Org. e trad. Zoia Prestes; Elenita Tunes. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 73–92.